

PRODUÇÃO DE TEXTO: PROPOSTAS PARA A RUPTURA DE PARADIGMAS INSTAURADOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Pâmella Katrianny Souza Pontes Fiuza¹

Suzete Barbosa Beppu Teixeira²

Tatiana Aparecida Vilela Faria³

Secretaria Municipal da Educação de Itumbiara – departamentopedagogico.sme@gmail.com

Políticas educacionais e formação de professores

RESUMO

No âmbito educacional, a atualização entre teoria e prática para professores já formados em atuação, encontra, na metodologia da formação continuada, um recurso oportuno. Nesta pesquisa, relatamos um trabalho de formação desenvolvido com um grupo de professores de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Itumbiara, tendo, como ponto de partida, as dificuldades que estes apresentaram no ensino de produção escrita. O objetivo deste material é a discussão e a proposição de ideias para a ruptura de paradigmas relacionados às aulas de produção de texto. Após as reflexões realizadas mediante leituras embasadas em autores como Cancionilla Janzkovski, Telma Ferraz Leal, Artur Gomes de Moraes, dentre outros, em que foram abordados temas acerca da preparação para a escrita e a revisão textual, foi apresentada uma sequência didática para a concretização da teoria estudada. Com esta pesquisa, pôde-se concluir que a formação contribuiu para romper com barreiras ainda predominantes nas aulas de produção de texto, bem como nos momentos de correção, a fim de propiciar ao aluno a escrita de textos com sentido e significado.

Palavras-chave: Produção de texto, Paradigmas, Formação continuada.

1 INTRODUÇÃO

A escrita permeia todo espaço em que circulamos. Diariamente, lidamos com diversas informações vinculadas em diversos suportes e precisamos delas a fim de nos expressarmos.

É função da escola ensinar a leitura, bem como desenvolver a habilidade de escrita dos alunos. No entanto, tal habilidade ainda é um fator que segue preocupando muitos professores. Os estudantes encontram muita dificuldade em produzir textos, em registrar, por escrito, aquilo que pensam e sentem.

¹Licenciada em História e Normal Superior/Educação Infantil. Secretaria Municipal da Educação de Itumbiara. E-mail: pamellapontesfiuza@hotmail.com

²Licenciada em Biologia e Letras. Secretaria Municipal da Educação de Itumbiara. E-mail: suzetebeppu@outlook.com

³Licenciada em Letras e Pedagogia. Secretaria Municipal da Educação de Itumbiara. E-mail: tatianaaparecidavilelafaria@yahoo.com

Se, para os discentes, a atividade de produção escrita é um processo cognitivo complexo, para os docentes, o trabalho de ensinar a produzir é uma tarefa igualmente difícil e profunda, já que, como afirma Fiad (2006, p.11), “não há uma forma mágica que possibilite sua concretização”.

Dessa forma, há que se preparar o “terreno” antes que a escrita propriamente dita se inicie, de modo que o aluno seja capaz de planejar seu texto, pensando, não só em o que irá escrever, como também para quem seu texto dirigirá e, ainda, que gênero exprimirá melhor suas ideias. Por meio de intervenções durante a produção e auxiliando os estudantes a efetuarem a revisão textual, não apenas ortográfica, como ainda na coerência, na coesão e na estrutura adequada ao gênero, o professor pode ensinar a produzir textos com qualidade.

Com base nessas reflexões, este trabalho levanta uma discussão acerca do ensino da produção textual, bem como suscita ideias para que os paradigmas que vêm sendo adotados por muitos profissionais da educação possam ser analisados e revistos e as práticas de sala de aula tornem os alunos escritores autônomos e qualificados para essa tarefa.

2 METODOLOGIA

O ensino da leitura e da escrita, por muito tempo, manteve-se apoiado em uma concepção mecanicista e associativa do processo de aprendizagem. Na prática pedagógica dessa concepção, era considerado que “a criança seria alfabetizada por meio de muito exercício com a língua – colocar em correspondência o sistema fonológico (os sons da língua) com um sistema ortográfico (as letras correspondentes a esses sons)” Janzkovski (2015, p. 47). Com isso, escrever textos de forma espontânea só seria possível à criança quando ela perpassasse todas as correspondências fonológicas/gráficas propostas pelos métodos.

O trabalho do professor, no que tange à produção escrita, também permaneceu, por muito tempo, arraigado numa prática repetitiva e enfadonha que afastava a criança da linguagem viva, pulsante e com significado.

O conceito de que é possível aprender a escrever, escrevendo de verdade, surge com “um novo olhar para a linguagem e seu ensino na apropriação do sistema de escrita alfabética”, Janzkovski (2015, p.48). Dessa forma a produção escrita ganha espaço destinado a seu aperfeiçoamento, as aulas de produção de texto se tornam mais constantes. Entretanto, ainda é comum essas aulas serem encaradas pelos alunos como “chatas” e “sem sentido” e, pelos professores, como aulas que “dão trabalho”, são “desgastantes” e despendem muito seu tempo para as correções.

Esta pesquisa trata de um trabalho de formação continuada desenvolvido com um grupo de professores de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Ensino de Itumbiara, Goiás. O objetivo foi a formação em produção de texto com propostas pedagógicas que visassem à ruptura de paradigmas instaurados nessas aulas.

A formação desenvolvida com 96 professores, distribuídos em três polos de estudos, com 32 professores cada, ocorreu em três dias diferentes, com duração de quatro horas-aula por dia.

A formação continuada é um trabalho de extrema importância para garantir a qualidade da educação e do ensino. Por meio dela, gestores e professores tornam-se mais capacitados sobre os aspectos pedagógicos, nas palavras de Ibernón (2010, p.19) “a formação continuada facilita um constante aperfeiçoamento da prática educativa e social”.

Sob essa ótica, a formação realizada com os professores transitou, a todo momento, no estudo, com discussão da teoria e proposição da prática. Sua estrutura consistiu, no início, com uma leitura para deleite da obra “A história do leão que não sabia escrever” de Martin Baltscheit, seguida, por uma leitura e discussão teórica, levantamento de dados sobre a produção escrita e como preparar o aluno para escrever.

Hoje, a ideia de que solicitar ao aluno uma escrita sem direcionamento, livre, seja produtiva, não faz mais sentido. Há a emergente necessidade de aplicar, nas propostas de produção escrita, sua funcionalidade, como se confirma em Nova Escola (2015, p.25) “os estudos em didática das práticas de linguagem fizeram cair por terra o pensamento de que a redação com tema livre estimula a criatividade”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escrita não “é resultado de inspiração e não há uma fórmula mágica que possibilite sua concretização”, nos afirma Fiad (2006, p.11). Ela é uma atividade que envolve seleções, escolhas, decisões durante toda a sua realização. A palavra *texto* tem a mesma origem que a palavra tecido. “Podemos, então, criar a metáfora de que produzir um texto é justamente tecer e entremear certos fios, com objetivo de produzir um tecido”, Vieira (2005, p.26). A produção de um texto é um processo semelhante, o aluno, a partir de um assunto, seleciona a forma como vai organizá-lo, o vocabulário mais adequado e constrói seu texto.

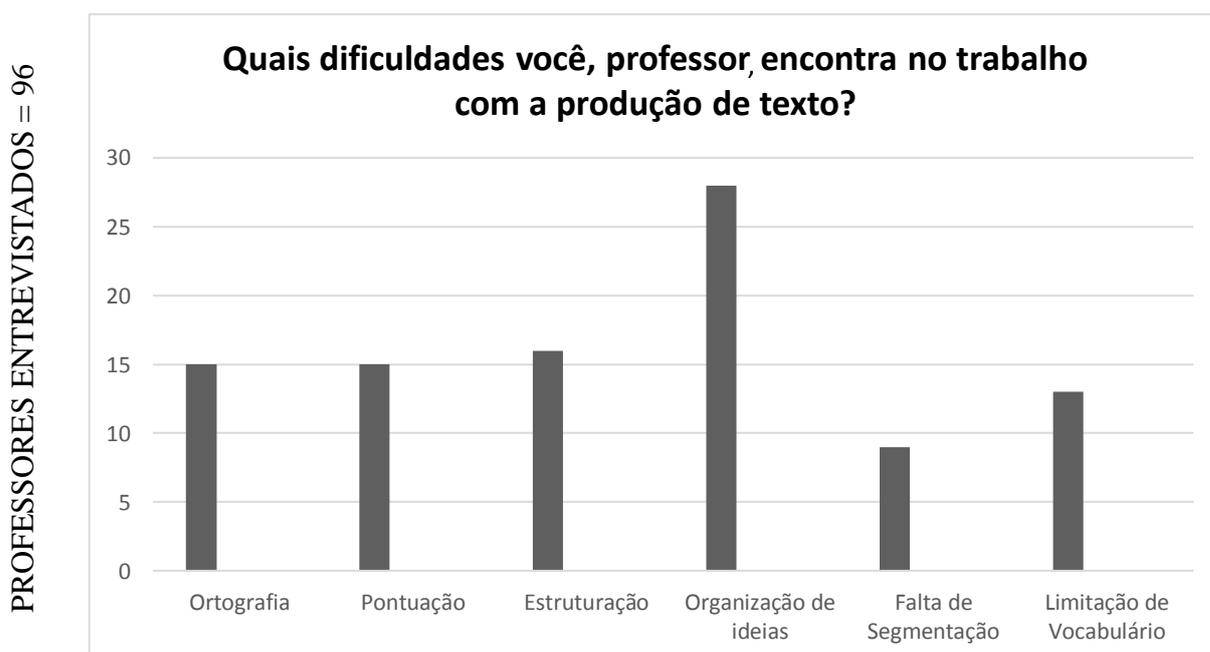
Cabe ao professor o papel de preparar e auxiliar o aluno para que ele possa compreender e melhorar sua produção. Nesse sentido, ao se discutir com os professores sobre o momento da produção, e como acontece a preparação do aluno para a escrita, vários apontamentos e

partilhas de como esse processo ocorre em sala de aula foram apresentados. A prática de preparar o aluno para uma escrita significativa foi ressaltada, a todo momento da formação, como fundamental. Uma professora assim relatou em um dos polos de formação:

Hoje não dá mais para, simplesmente, chegar à aula de produção de texto e solicitar ao aluno que escreva sobre uma imagem daquelas que retiramos da internet. Precisamos é incorporar em nosso plano de aula semanal informações que sirvam de bagagem para que o aluno saiba sobre o que irá escrever no dia da produção. Por exemplo: se estou trabalhando o gênero “carta”, durante a semana, o ideal é que a proposta de produção daquela semana seja uma carta, pois terei ao longo do processo preparado o aluno, e ele escreverá com embasamento de quem conhece o gênero e conseqüentemente saberá o que escrever com mais facilidade.

Nota-se, nesse trecho, a preocupação em explorar o preparo do aluno para a escrita, rompendo com um dos modelos instaurados, há tempos, sobre a produção de texto: o de sugerir aleatoriamente um tema, ou usar uma imagem para propor que, a partir disso, o aluno escreva um texto em determinado gênero. Mesmo incorporando essa proposta de preparação para a escrita, os professores afirmam, ainda, encontrar outras dificuldades no trabalho com a produção de texto em sala de aula. Tais dificuldades são elencadas conforme se observa no gráfico abaixo:

Figura 1 – Quais dificuldades você, professor, encontra no trabalho com a produção de texto?



Fonte: Elaborado pelas autoras FARIA, FIUZA, TEIXEIRA (2018)

Registradas as dificuldades apresentadas pelos grupos a partir de sua própria realidade, foi, então, realizado um estudo para refletir sobre como superá-las, tomando, como princípio, o fato de que, o primeiro passo para o aluno compreender e melhorar sua produção, sejam orais ou escritas, é que ele consiga responder a questões como:

- O que falar/escrever?
- Para quem escrever?
- Para que escrever?
- Como posso dizer?
- Qual gênero melhor exprime minhas ideias?

Nesse processo reflexivo da produção, o aluno desenvolve a **linearização**, que é explicada por Cancionilla (2015, p.50) como “conjunto de operações que se destinam a transformar em texto o que foi pensado. Ou seja, o que o enunciador tem para dizer, sua compreensão da situação de interlocução, a decisão sobre o gênero, o tipo adequado e a materialização em texto”.

Na discussão, os grupos criaram, também, uma sequência de etapas consideradas por eles como essenciais à produção de texto. São elas:

Quadro 1 – Etapas essenciais da Produção de Texto

Etapa	Descrição da etapa
1	Preparação
2	Produção
3	Revisão/Correção
4	Intervenção
5	Reescrita
6	Apresentação/Apreciação

Fonte: Elaborado pelas autoras FARIA, FIUZA, TEIXEIRA (2018)

A execução dessas etapas assegura que, na hora da produção de textos, os alunos desenvolvam uma tarefa que, para eles, tenha sentido e que ajude a avançar nas suas competências de escrever.

A discussão da formação envolveu, também, a correção textual. Foram abordados questionamentos, tais como: como ocorre esse processo? O que é essencial no momento da

correção? O que é revisar um texto e quando é possível propor o trabalho de revisão textual na escola?

Revisar um texto é torná-lo objeto de nossa reflexão, é pensar sobre o que foi ou está escrito e encontrar meios para melhor dizer o que se quer dizer, reelaborando e reescrevendo o já escrito.

Ao revisar um texto, exige-se que o autor, continuamente, reflita sobre as “partes” efetivamente escritas e as avalie com base nos planos e objetivos traçados, em função do destinatário e finalidade previstos para seu texto, assim como do contexto comunicativo em que o texto está colocado. É, portanto, uma habilidade metacognitiva complexa, que implica tornar-se consciente e pensar, deliberadamente, sobre processos e decisões tomadas durante a escrita de um texto.

Nessa perspectiva, o grupo que realizou esta pesquisa concorda com Morais (1998, p.97) que aponta a “necessidade de que, desde muito cedo, se instale, na sala de aula, a preocupação com o leitor de nossos escritos, desenvolvendo uma “atitude” de querer escrever melhor, para melhor nos comunicarmos”.

Ao escrever um texto, dentro ou fora da escola, estamos, continuamente, realizando revisões durante o processo de produção do escrito e (re) planejando o que virá mais adiante. É importante que, na sala de aula o professor estimule, então, tanto a revisão em processo, como a revisão do produto, o que garante, na prática pedagógica, a ruptura de mais um paradigma instaurado na correção das produções: aquele que aponta o professor como um corretor de erros produzidos pelos alunos. Isso se comprova pela fala de uma professora da 5º ano, da Escola Municipal A:

Precisamos considerar e valorizar, desde a menor produção de nossos alunos até a maior, independente do tamanho. Ela reflete um esforço de comunicação e tentativa de escrita que precisa de estímulo e intervenções do professor. Não dá mais para pegar a produção de um aluno e sinalizá-la em suas ortografias e estruturas e devolvê-la, sem intervir, proporcionar a reescrita e apreciá-la.

Na produção escrita de um aluno, é preciso revisar vários aspectos, mas é evidente que não será possível revisar todos de uma só vez. Assim, o professor deve ter clareza em suas estratégias e priorizar aquilo que deseja revisar. Além disso, deve focar sua atenção nos aspectos selecionados, tendo por base seus objetivos.

Em relação ao processo do modo como deve ser conduzida a proposta de revisão, várias estratégias didáticas foram apontadas pelos grupos, nos diferentes polos, e podem ser listadas da seguinte forma:

Quadro 2 – Estratégias Didáticas Para Revisão

Estratégias Didáticas Para Revisão	
•	Revisão individual;
•	Revisão coletiva;
•	Revisão em duplas;
•	Troca de produção com outra turma: uma revisa a produção da outra.

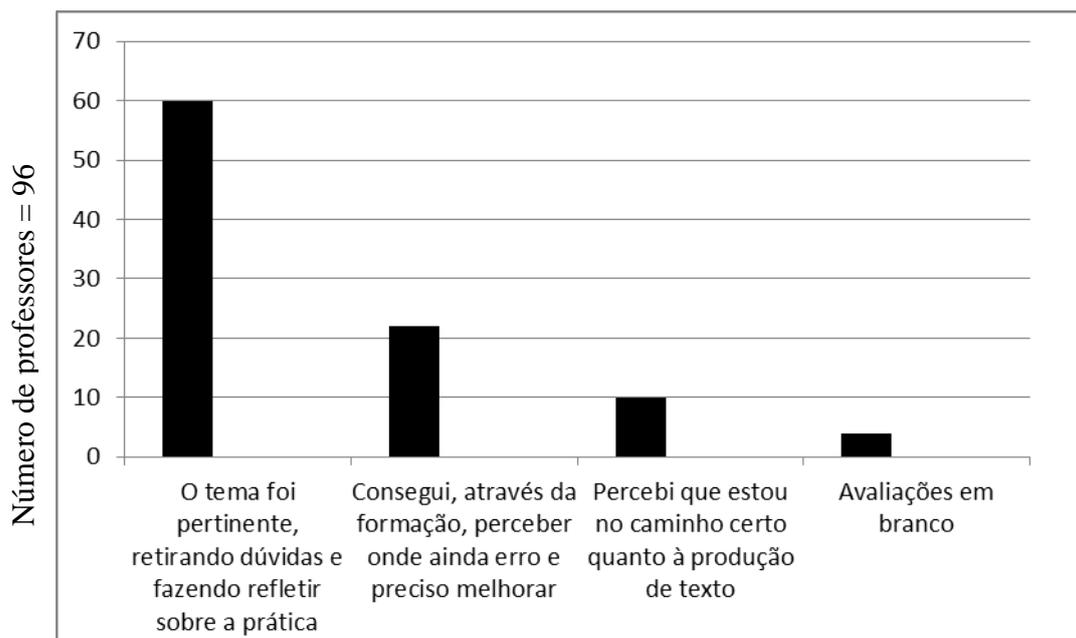
Fonte: Elaborado pelas autoras FARIA, FIUZA, TEIXEIRA (2018)

Nenhuma dessas estratégias elimina, entretanto, a importância do professor em todo o processo de revisão. Será sempre necessário que ele, de fato, reflita, com o aluno, sobre a necessidade de pensar na finalidade e no destinatário de seu texto, concretizando, assim, a noção de interlocutor. Para tanto, é sua tarefa questionar, sugerir, transformando certos problemas que aparecem no texto em objeto de reflexão.

Após essas ponderações, os encontros de formação continuada culminaram com a apresentação aos grupos de uma sequência didática, com propostas de trabalho para várias aulas, contemplando os gêneros textuais que estavam sendo trabalhados em sala, neste mês, pelos profissionais, ou que fizessem parte do cronograma dos conteúdos programáticos do ano. Recursos como equipamentos midiáticos, o livro literário, usado na própria formação para leitura para deleite, textos informativos de diversas fontes foram sugeridos para a “preparação do terreno”, de modo a cultivar argumentos que os alunos possam usar como repertório em sua produção.

Ao final de cada encontro, refletimos sobre a importância de momentos de formação continuada como o que tivemos, com o tema em discussão, e questionamos sua importância para possibilitar a ampliação de uma nova visão na forma como esse trabalho é realizado em sala, rompendo, assim, paradigmas instaurados na prática pedagógica. O resultado da avaliação da referida formação, realizada com os grupos, por meio de pesquisa, pode ser comprovado com o gráfico abaixo.

Figura 2 – Avaliação da formação e discussão sobre produção textual



Fonte: Elaborado pelas autoras FARIA, FIUZA, TEIXEIRA (2018)

3 CONCLUSÃO

O tema desta pesquisa – Produção de texto: propostas para a ruptura de paradigmas instaurados na prática pedagógica – vem ao encontro do que diversos profissionais da educação pontuam como tópico gerador de ansiedade e dificuldade na execução.

Ao longo deste trabalho, apresentamos uma pesquisa ocorrida a partir de três encontros de formação continuada com professores de 4º e 5º anos da Rede Municipal de Ensino da cidade de Itumbiara, Goiás. Em tais encontros, houve participação efetiva de todos os professores e coordenadores presentes e, assim, pudemos constatar a complexidade do processo de ensino e aprendizagem no que tange à produção de textos. Na ocasião, ressaltamos as etapas das quais não se pode fugir quando se trata do ensino de produção textual: preparação, execução, intervenção, revisão/correção, reescrita e apreciação.

Permeando o discurso dos professores, a leitura de textos teóricos embasados em escritores renomados nessa área, como Telma Ferraz Leal e Cancionila Janzkovski, orientou as reflexões acerca do tema em estudo.

Essas leituras, bem como os relatos de experiência e questionamentos dos docentes, foram primordiais para que paradigmas que, há tempos, vêm sendo repetidos nas práticas pedagógicas, sejam rompidos e novas estratégias, que valorizem a escrita do estudante e não foquem apenas em seu erro, sejam instauradas.

Esse estudo fez crescer em nós a esperança de que o ensino da produção de texto deixe de ser o grande vilão nas atividades de sala de aula e, em seu lugar, haja espaço para a construção de uma aprendizagem que garanta aos alunos autonomia para a escrita significativa e eficiente.

5 AGRADECIMENTOS

A realização desta pesquisa somente foi possível mediante participação efetiva de todos professores de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Itumbiara. A eles e suas unidades escolares, ficam estendidos todos os agradecimentos pela colaboração e participação.

5 REFERÊNCIAS

CARDOSO, Cancionilla Janzkovski. **Produção de textos escritos na escola: a linguagem em funcionamento.** Caderno 05 PNAIC – A Oralidade, a Leitura e a Escrita no Ciclo de Alfabetização. Brasília, 2015.

FIAD, Raquel Salek. **Escrever é reescrever.** Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2006.

IBERNÓN, Francisco. **Formação Continuada de Professores.** Traduzido por Juliana dos Santos Padilha. Artmed, 2010.

LEAL, Telma Ferraz. **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no Ensino Fundamental.** 1ed., 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MORAIS, Artur Gomes de. Discursos recentes sobre alfabetização no Brasil: Por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos? In: SILVA, Aída Maria M; MELO, Márcia M.O. (Orgs.) **Educação, questões pedagógicas e processos formativos: compromisso com a inclusão social.** Recife: Bagaço, 2006. P. 439-454.

VIEIRA, Martha Lourenço. **O papel da cena enunciativa no processo de aquisição do texto escrito.** (Tese de doutoramento). São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2004.

Revista Nova Escola. **Produção de texto: como ensinar os alunos a escrever de verdade.** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/231/producao-de-texto-como-ensinar-os-alunos-a-escrever-de-verdade>> Acesso em março 2018.